



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS VI POETA PINTO DO MONTEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS

**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

PATRÍCIA BATISTA DA SILVA

O SILÊNCIO DO APITO: mulher e futebol em Mutola, de Paulina Chiziane

**MONTEIRO/PB
2019**

PATRÍCIA BATISTA DA SILVA

O SILÊNCIO DO APITO: mulher e futebol em Mutola, de Paulina Chiziane

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso Letras/Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura

Orientador (a): Prof. Dr.º Marcelo Medeiros da Silva

**MONTEIRO/PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586s Silva, Patrícia Batista da.
O silêncio do apito [manuscrito] : mulher e futebol em Mutola, de Paulina Chiziane / Patrícia Batista da Silva. - 2019.
32 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas , 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHE."
1. Mutola (Conto). 2. Paulina Chiziane (Escritora moçambicana). 3. Mulher no futebol . 4. Mulher e Patriarcalismo. I. Título

21. ed. CDD 801.95

PATRÍCIA BATISTA DA SILVA

O SILÊNCIO DO APITO: mulher e futebol em *Mutola*, de Paulina Chiziane

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso Letras/Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura

Aprovada em: 30/11/2019.

BANCA EXAMINADORA

Marcelo Medeiros da Silva

Prof. Drº Marcelo Medeiros da Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Josefa Adriana Gregório de Souza

Prof. Josefa Adriana Gregório de Souza (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Simone dos Santos Alves Ferreira

Prof. Simone dos Santos Alves Ferreira (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico em especial minha mãe Dulce
Batista da Silva e meus filhos Gabriel Levi
Batista Cibalde e Sara Rebeca Batista
Cibalde e todos de minha família.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, que é soberano e me susteve a cada momento de minha e que me concedeu esta vitória. A Deus toda honra e glória seja dada.

Agradeço especialmente a minha mãe Dulce Batista da Silva, mulher guerreira e de fé que dedicou seu tempo em exclusividade e não mediu esforços para me ajudar em mais essa empreitada, te amo.

A meus filhos Gabriel Levi Batista Cibalde e Sara Rebeca Batista Cibalde que na maioria dos momentos de esmorecimento foram a força que me impulsionaram e iluminaram de maneira especial nos momentos mais controversos de minha vida. Meus filhos sempre o que faço e pensando no melhor para vocês, que Deus os cubra com seu manto, amo vocês incondicionalmente.

Aos meus familiares, que me ampararam e ajudaram nas mais diversas esferas da vida e com carinho me incentivaram meus agradecimentos sinceros, vocês são a base de minha vida e sem vocês me incentivando a cada momento esse trabalho não seria possível.

Aos amigos de infância e de trabalho que como companheiros, sempre estiveram ali, ao meu lado me ajudando me encorajando, seja em momentos tristes ou alegres, vocês foram a —válvula de escape, o momento de respirar que me deu fôlego e forças chegar até aqui.

Aos amigos que tive o privilégio de conhecer durante o período de faculdade e que me ajudaram sempre que precisei em especial a Alany que passou muitos momentos de perrengues e alegrias com nossos trabalhos, éramos uma dupla e tanto, valeu a parceria —Lanisll.

A todos os professores do curso de Língua Portuguesa da UEPB Campus IV, pela transmissão de conhecimentos pela paciência e compreensão que tiveram comigo, meus mais sinceros agradecimentos. Ser professor não é profissão é um sacerdócio, é dom de Deus.

Agradeço especialmente a meu professor e orientador Marcelo Medeiros que mesmo atolado de afazeres achou um tempinho em sua agenda concorrida para me orientar, sempre com muita franqueza e paciência conduziu as orientações mais importantes dessa pesquisa. Saiba que você foi mais que um orientador nesse momento de minha

vida. Acredito que Deus escolhe as pessoas certas para cada momento de nossas vidas e você foi um deles, meu muito obrigado!

Agradeço a todos que de forma direta e indireta me ajudaram a chegar neste momento e que sabem o quão importante e significativo é para mim, que Deus os abençoe em todos os momentos.

A todos o meu muito obrigado!!!

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.
2	MULHER E FUTEBOL: DESEJOS E INTERDIÇÕES	Erro! Indicador não definido.
3	MUTOLA: UMA TRAVE NO MEIO DAS INTERDIÇÕES DO PATRIARCADO	Erro! Indicador não definido.
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
5	REFERÊNCIAS:	27
6	ANEXOS	29

**O SILÊNCIO DO APITO:
mulher e futebol em Mutola, de Paulina Chiziane**

Patrícia Batista da Silva¹

RESUMO

Este trabalho é uma reflexão acerca da relação mulher e futebol a partir da literatura. Para tanto, tomamos como corpus o conto "Mutola", escrito por Paulina Chiziane, importante voz feminina da literatura moçambicana, e publicado no livro —As Andorinhas (2009). A mulher no futebol é uma temática pouco trabalhada em diferentes áreas, como na academia e na literatura brasileira, o que nos leva a perceber que existe uma situação delicada que merece atenção, principalmente por se tratar de uma escritora tão dedicada, que vive em Moçambique, país bastante conservador e machista. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é descrever como a autora Paulina Chiziane apresenta a condição da mulher no futebol em Moçambique em seu conto Mutola. Para subsidiar a nossa análise, pautamo-nos nos estudos de Knijnik (2006), Alabarces (2003), Goellner (2005), Freitas (2012) e Ramalho (2001). A conclusão deste estudo, observou-se que em Moçambique a repressão feminina é uma das marcas históricas do país, onde a mulher é submissa aos homens e devem ficar nesta situação, servindo a família, ao patriarcado, e também não poderia jogar futebol e se posicionar (até mesmo tomar para si) um espaço exclusivo dos homens, até que mulheres de coragem, como a personagem Mutola e a escritora Chiziane sejam protagonistas de suas próprias vidas.

Palavras-chave: Figura Feminina. Literatura. Moçambique. Patriarcal.

ABSTRACT

This paper is a reflection on the relationship between women and football from the literature. To this end, we take as a corpus the tale "Mutola", written by Paulina Chiziane, an important female voice of Mozambican literature, and published in the book "As Andorinhas" (2009). Women in football is a subject little worked on in different areas, such as academia and Brazilian literature, which leads us to realize that there is a delicate situation that deserves attention, especially because it is such a dedicated writer, who lives in Mozambique. , very conservative and macho country. In this sense, the aim of this study is to describe how author Paulina Chiziane presents the condition of women in soccer in Mozambique in her short story Mutola. To support our analysis, we follow the studies of Knijnik (2006), Alabarces (2003), Goellner (2005), Freitas (2012) and Ramalho (2001). The conclusion of this study, it was observed that in Mozambique female repression is one of the historical marks of the country, where women are submissive to men and should be in this situation, serving the family,

¹ Aluna de graduação em Letras habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus VI. E-mail: gabriel.cibalde@hotmail.com

patriarchy, and also could not play football and if positake for themselves) an exclusive space for men, until courageous women such as the character Mutola and the writer Chiziane are protagonists of their own lives.

Keywords: Female Figure. Literature. Mozambique. Patriarchal.

RESUMEN

Este artículo es una reflexión sobre la relación entre mujeres y fútbol de la literatura. Con este fin, tomamos como corpus el cuento "Mutola", escrito por Paulina Chiziane, una importante voz femenina de la literatura mozambiqueña, y publicado en el libro "As Andorinhas" (2009). La mujer en el fútbol es un tema poco trabajado en diferentes áreas, como la academia y la literatura brasileña, lo que nos lleva a darnos cuenta de que hay una situación delicada que merece atención, especialmente porque es una escritora tan dedicada, que vive en Mozambique. , país muy conservador y machista. En este sentido, el objetivo de este estudio es describir cómo la autora Paulina Chiziane presenta la condición de las mujeres en el fútbol en Mozambique en su cuento Mutola. Para respaldar nuestro análisis, seguimos los estudios de Knijnik (2006), Alabarces (2003), Goellner (2005), Freitas (2012) y Ramalho (2001). La conclusión de este estudio, se observó que en Mozambique la represión femenina es una de las marcas históricas del país, donde las mujeres son sumisas a los hombres y deben estar en esta situación, sirviendo a la familia, al patriarcado, y tampoco podrían jugar al fútbol y si posicionan (incluso toman para sí mismos) un espacio exclusivo para hombres, hasta que mujeres valientes como el personaje de Mutola y la escritora Chiziane sean protagonistas de sus propias vidas.

Palabras clave: figura femenina. Literatura Mozambique Patriarcal.

INTRODUÇÃO

A prática esportiva é há muito tempo tomada como espaço eminentemente masculino. Embora haja hoje mulheres esportistas, sabemos que a inserção delas não foi um caminho fácil. Mesmo hoje, quando temos nomes expressivos em várias modalidades esportivas, sabemos que o salário, a visibilização das atletas não é igual quando comparados ao que se paga aos atletas masculinos e ao quanto se publiciza sobre eles. Enfim, estádios, quadras, campinhos de terra foram construídos em torno de uma arquitetura para acolher o masculino e impedir a entrada do feminino.

Considerando esse contexto, o presente trabalho procura refletir acerca da presença da mulher na prática esportiva e os entraves impostos para que meninas que sonharam ir para além das brincadeiras de corte e costura não alcançassem esse sonho. Nosso trabalho, volta-se para uma análise do conto —Mutolall, escrito pela moçambicana Paulina Chiziane e publicado, em 2009, no livro *As Andorinhas*. A partir de tal narrativa, vamos pensar sobre a relação mulher e futebol e as implicações que tal relação traz para as mulheres que resolveram desafiar o sistema de sexo/gênero em que se assenta a cultura em que elas nasceram. Para fundamentar a nossa análise, tomamos como subsídio os trabalhos de Knijnik (2006), Alabarces (2003), Goellner (2005), Freitas (2012) e Ramalho (2001).

A pergunta-problema deste estudo está em observar qual a cultura sexista existe em Moçambique a partir do contexto cultura? Como a literatura moçambicana apresenta a situação da mulher a partir da realidade social e cultural, baseando-se em Chiziane?

Nesse contexto, este estudo tem por objetivo descrever como a autora Paulina Chiziane apresenta a condição da mulher no futebol em Moçambique em seu conto *Mutola*.

Esperamos contribuir para os estudos acerca da obra de Paulina Chiziane e para a reflexão acerca do lugar da mulher em sociedades patriarcais, mais especificamente do lugar da mulher no cenário esportivo.

2 MULHER E FUTEBOL: DESEJOS E INTERDIÇÕES

A questão de gênero perpassa muitas situações culturais e sociais. Podemos percebê-la, por exemplo, nas expectativas que os pais levantam ante o nascimento

de uma criança. Primeiro, saber se é menina ou menino. Segundo, conforme o sexo da criança, modos de ser são pré-elaborados, o que vai, conseqüentemente, implicar na escolha dos brinquedos, no tipo de roupas para cada um, nas cores do quarto, na projeção de futuras carreiras. Logo o nosso corpo é um artefato cultural que é atravessado por discursos e expectativas sociais e históricas e não é determinado apenas por imperativos biológicos:

Ter claro quem é homem ou mulher, em posição binária, oposta, excludente e geralmente em hierarquia vertical parece tranquilizar a alma humana, colocar ordem e segurança neste contexto identitário. E esta suposta clareza sempre é proveniente do corpo, matriz da socialização e da construção de identidades sexuais, sem se dar conta que o próprio corpo não é somente natural ou biológico, mas um elemento que no humano passa também por toda uma construção social, sendo assim usado, vestido e travestido de forma diversa em culturas diferentes (KNIJNIK, 2006, p. 16).

Ser homem ou ser mulher não é, portanto, algo que se manteve inalterado ao longo da história da humanidade. Cada época, cada cultura, cada sociedade elaboraram discursos e fomentaram padrões de masculinidade e de feminilidade. Alguns, por serem hegemônicos, foram alçados à condição de modelo a ser seguido, como é o caso da heterossexualidade compulsória, mas não inviabilizaram a existência de outras formas de ser homem ou ser mulher, ainda que essas formas dissidentes do padrão sejam, socialmente, rechaçadas.

Em se tratando do que é ser homem e do que é ser mulher, sabemos que nossa sociedade é patriarcal. Logo, o masculino é tomado como referência em torno do qual tudo o mais gravita. Nesse caso, houve e ainda continua havendo a naturalização da dominação masculina em relação ao feminino. Assim, foram construídos como valores femininos a subserviência, o silêncio, o cuidar da casa, dos filhos e do marido, enquanto em torno do masculino os signos de referência eram (ainda são) a força, a luta, o prover a casa, o estar no espaço público, a contenção dos sentimentos. Esse quadro, entretanto, sofreu alterações significativas. As mulheres passaram a ganhar papel de destaque para além do espaço privado do lar. Passaram a trabalhar, ainda que isso tenha lhes trazido uma dupla ou tripla jornada, passaram a ocupar cargos públicos, a serem chefes de família.

A luta pelos direitos de acessibilidade e de visibilidade da figura feminina teve seu início no final do século XIX e início do XX, quando mulheres brancas de classe média realizaram movimentos históricos, em prol do direito do voto. Eram chamadas de sufragistas e alcançaram diversos países ocidentais, ganhando forças e obtendo resultados positivos (KNIJNIK, 2006). Este movimento representou o primeiro passo para que as mulheres pudessem, de forma organizada politicamente, dar corpo ao que conhecemos hoje como feminismo, que passou do fervor da luta pelo voto para a luta por igualdade de direitos.

Com o passar dos anos, o movimento feminista ganhou novos rumos e assumindo outras pautas, como a luta a favor da legalização da prática do aborto, contra a violência contra as mulheres, em prol de políticas públicas voltadas para a saúde da mulher.

O feminismo instaurou um modo particular de ver o mundo, que revela o princípio arbitrário, não natural da realidade; masculino e feminino, em sua historicidade dinâmica, passam a ser identidades sociais, configuradas ao longo de processos de significação. O estudo das relações de gênero não só desvela desta construção, como também aponta para a hegemonia de um gênero sobre o outro (XAVIER, 1999, p. 16).

As feministas puseram em xeque a dita supremacia masculina, reiterando que ela era uma naturalização e não um imperativo biológico:

Se o masculino está para a norma, o transcendente, o universal, o feminino estão para o desvio, o imanente, o particular, ou então, o inessencial, como bem o assinalou Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo*. As construções socioculturais de gênero - masculino e feminino-, na qual os sujeitos se inscrevem, não apenas pela diferença sexual, mas, principalmente, pela socialização através de códigos linguísticos e representações culturais, que traduzem ideologicamente a diferença como divisão e polarização, são categorias fundamentais da nossa produção cultural, pois constituem em sistema simbólico de representação binária cuja característica é a produção de assimetria (SCHMIDT, 1995, p. 185).

Essa polaridade entre feminino e masculino não pode ser pensada como fixa, mas, sim, a partir de uma perspectiva relacional, uma vez que homens e mulheres, por meio de práticas sociais distintas e diversas, —constituem relações em que há, constantemente, negociações, avanços, recuos, consentimentos, revoltas, aliançasll (LOURO, 1997, p. 39-40). Dito de outra forma:

Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que *instituem* gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas *apropriadas* (e,

usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder (LOURO, 1997, p. 41).

Dizer que homens e mulheres são construídos sócio historicamente não implica dizer inexistem diferenças entre os sexos:

Relacionada, a princípio, às distinções biológicas, a diferença entre os gêneros serviu para explicar e justificar as mais variadas distinções entre mulheres e homens. Teorias foram construídas e utilizadas para "provar" distinções físicas, psíquicas, comportamentais; para indicar diferentes habilidades sociais, talentos ou aptidões; para justificar os lugares sociais, as possibilidades e os destinos "próprios" de cada gênero (LOURO, 1997, p. 45).

A diferença entre homens e mulheres é algo irrefutável. O que não se pode aceitar é que essas diferenças deem margem a discriminações inviabilizando que homens e mulheres tenham espaços e direitos negados. Por exemplo, na escola há a ideia recorrente de que as alunas são menos capazes do que os alunos para a realização de certas modalidades esportivas. Muitas meninas são impedidas de jogar futebol com os meninos porque são fisicamente frágeis ou que podem sofrer alguma lesão por jogarem com os meninos. Ou seja, como a prática do futebol exige agressividade e contato físico, ela está mais para o masculino do que para o feminino. Logo, uma menina que deseje jogar futebol está indo de encontro a sua feminilidade, isto, se opõe —a um determinado ideal feminino heterossexual, ligado à fragilidade, à passividade e à grça'll (LOURO, 1997, p. 75).

De acordo com Knijnik (2006), o futebol é visto como um esporte de soberania masculina. Considerando este esporte específico os homens se enaltecem nos locais de atividade esportiva relacionado ao futebol, como nos estádios, seja da prática desportiva ou assistindo ao jogo, mostrando-se como soberano e maioral. Nos espaços privados e públicos, como no âmbito familiar e em bares (onde normalmente vão assistir e comentar sobre o futebol) tratam de questões referentes à rotina esportiva, em mesas redondas, discutindo sobre lances de uma determinada partida, qual time os filhos devem torcer, e assim por diante, destacando-se como uma figura predominante líder dominante de todas as decisões e sabedoria envolvidos nos aspectos futebolísticos.

No entanto, este esporte, que esteve há décadas vinculado à presença, exclusivamente, masculina, passou por mudanças em seu cenário nacional. De um

lado a supremacia do futebol na área desportiva perdia força para o voleibol, que adotava praticantes femininos e masculinos; já do outro lado, observava-se que as mulheres estavam presentes no futebol, seja nos bastidores ou na ativa, como descreve Knijnik (2006, p. 8):

[...] ao se observar o esporte e sua evolução no Brasil um pouco mais detidamente, o que se constata é que as mulheres em nosso país sempre estiveram, de uma forma ou outra, envolvidas com o futebol. Seja competindo, atuando nos bastidores, torcendo fanaticamente, praticando jogos entre elas, no recreio das escolas, enfim, as mulheres possuem uma vasta história de relacionamento com a modalidade.

No entanto, nem sempre a presença da mulher no futebol ocorria ou era reconhecida como possível. Pelo contrário, era recriminada e proibida, principalmente por órgão que regiam o futebol no Brasil. O Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, estabeleceu as bases de organização dos desportos em todo o país, por meio do, já extinto, Conselho Nacional de Desportos (CND), descrevendo em seu Art. 54 que às mulheres não se permitiria a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza. Logo, o CND deveria instruir entidades desportivas do país para que as mulheres não praticassem esportes (BRASIL, 1941). Esta lei foi revogada em 1979, sucedendo-a a regulamentação Confederação Brasileira de Desporto (CBD), que é regida pela Lei nº 9.615, sancionada em 24 de março de 1998, conhecida como Lei Pelé, e que instituiu normas gerais sobre desporto e permite a realização de jogos com competidoras mulheres, mas apenas em eventos, e não em disputas oficiais (BRASIL, 1998).

Assim, a mulher começou a ganhar espaço no cenário futebolístico, mas de forma tímida. A participação feminina ganhou visibilidade a partir da presença de mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos:

As mulheres foram ‘autorizadas’ a fazer parte deste evento, apenas na sua segunda edição, mesmo sob o protesto de alguns de seus idealizadores, cujas intervenções no âmbito da organização das competições, direcionavam-se para que elas apenas assistissem aos jogos e não deles participassem (GOELLNER, 2005, p. 143).

Eram vastas as argumentações para que as mulheres não participassem de atividades relacionadas ao futebol brasileiro, que envolvia aspectos corporais da figura feminina e os padrões estereótipos que a sociedade impunha, repudiando outras situações ditas anormais no corpo feminino, como masculinização da mulher, a falta de representação de uma feminilidade e d beleza estética da meiguice e fragilidade.

A questão da masculinização da mulher é relacionada à incorporação por parte das mulheres de atributos masculinos a fim de que elas possam praticar futebol. O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, tudo isso exige que as mulheres, na lógica de quem acredita ser o futebol um esporte avesso a elas, passassem a adotar uma cultura física masculina, o que não seria condizente com o que se pensa ser feminino.

Porém, existiu nesse meio, o medo da inserção da mulher no futebol, não em seu desempenho nas atividades realizadas, mas na possível desmoralização feminina quanto a seu corpo, pelas mudanças que ele passaria. Este fato poderia atrapalhar a tradição das famílias pertencentes a elite, que regava os valores e o resguardo social de seus membros, e assim, o cuidado com a aparência, o desnudamento do corpo ao utilizar os uniformes na partida e o uso de artifícios estéticos, como a chuteira; eram ações que normalmente aconteciam e eram vistas por parte da sociedade como sinônimo da desonra e da prostituição (GOELLNER, 2005).

Nos esportes, principalmente o futebol, seus praticantes devem assumir e sujeitar-se, pelas regras, às diferentes ocasiões: uso de uniformes, toque corpo-a-corpo, necessidade de desenvolvimento físico; o que gerou grande espanto à sociedade dita conservadora, que passou a considerar a mulher, praticante do futebol, como não representante da feminilidade e sensibilidade da mulher social (KNIJNIK, 2006). Ao praticar o futebol, foi observado, muitas vezes, que as mulheres exibiam partes do corpo que estava resguardado entre saias e vestidos, e ainda, se teve as mudanças de trajes, tecidos, adereços, cortes de cabelos, que assombraram as tradicionalistas quanto as mudanças dramáticas da mulher com a modernidade.

Esses valores, do conservadorismo da intimidade corporal das mulheres, das vestimentas e cortes de cabelos, eram alimentados pelo sistema que viviam o Brasil, em meados do século XX. De acordo com Goellner (2005, p. 145) no referido cenário:

[...] as ideias progressistas e moralistas seduziam e desafiavam as mulheres, tanto para a exibição quanto para o ocultamento de seus corpos, ora forjando novas formas de cuidar de si, ora reforçando a ideia de que a exibição pública do seu corpo estava associada ao universo pagão das impurezas e obscenidades. Se por um lado, havia a crítica à indolência, à falta de exercícios físicos, ao excesso de roupas, ao confinamento no lar, por outro,

ampliavam-se as restrições a uma efetiva inserção feminina em diferentes espaços públicos o que, de certa maneira, cerceava alguns possíveis atrevimentos. E o futebol era um deles.

A dicotomia da liberdade de vestimentas e de mostra do corpo feminino ditada pelo autor cria uma visão de conflito da realidade do século passado, de um lado deveria inseri-las em diversos espaços sociais, inclusive no esporte, e mais especificamente o futebol, e por outro lado estava a garantia da conduta social do sexo feminino, o que resultou, neste sistema dualista, uma batalha pela liberação e pelo controle de comportamento social.

Goellner (2005) afirma que a ampliação que foi dado ao feminino no futebol serviu como atitude transgressora para elas, pois fizeram valer suas aspirações, desejos e necessidades, enfrentando um universo caracterizado como próprio do homem, adaptando-se a valores e práticas comuns do esporte, que as colocam como corpo de jogadoras, mas com representação hegemônica de feminilidade.

Assim, muitas mulheres se sentem vivas, transgressoras de si e de suas vontades em pleno século XXI. Nas palavras de Goellner (2005, p. 149):

[...] mulheres transgridem ao que convencionalmente se designou como sendo próprio de seu corpo e de seu comportamento, questionam a hegemonia esportiva masculina historicamente construída e culturalmente assimilada e enfrentam os preconceitos e também as estratégias de poder que estão subjacentes a eles.

Desse modo, as mulheres (re)afirmam sua feminilidade e sua identidade como praticante de futebol, exibindo sua beleza e tudo aquilo que lhe convém, principalmente sua força e seu corpo.

A partir de então, as mulheres começam a ganhar espaço no meio futebolístico, como percebemos mais atualmente nos campeonatos e copas mundiais, em que o Brasil conta com jogadoras que se sobressaem nas partidas pela habilidade, beleza e feminilidade.

Estes acontecimentos também estão presentes em outros países, não apenas nos campinhos de terra e em grandes estádios que servem de palco para a exibição dos talentos de jogadoras de futebol, mas também na literatura de países africanos, que descrevem a luta e o desejo de mulheres que tentam ser transgressoras e construtoras de sua própria história nos campos de futebol, jogando e dedicando-se ao esporte, e ainda se impondo a um sistema patriarcal e conservador, como podemos contemplar no capítulo seguinte.

3 MUTOLA: UMA TRAVE NO MEIO DAS INTERDIÇÕES DO PATRIARCADO

Escritora moçambicana, Paulina Chiziane teve seu primeiro livro publicado em 1990. *Balada de amor ao vento* narra a situação de Moçambique, das guerras e miséria que assola esse país, e, principalmente, fala da mulher no contexto social e familiar moçambicano. Para Freitas (2012), a discreta e tímida mulher do sul de Moçambique vê suas obras irem além dos oceanos, fazendo de sua escrita um exercício de reflexão para o entendimento de si mesma, da sua cultura e principalmente de sua coletividade quanto mulher.

Chiziana nasceu em Manjacazem, província de Gaza, em 4 de junho de 1955, no seio de uma família protestante, que se falava chope e rongá (idiomas locais), aprendendo, anos depois na escola católica, o português. Iniciou suas atividades literária em 1984 em publicação no jornal —Domingoll e no semanário —Tempoll, apresentando contos diversos aos leitores deste tipo de circulatório, com temas relacionados aos tempos difíceis do país, da esperança, do amor, da mulher e da África (RAMALHO, 2001).

Sua primeira formação foi na escola missionária católica situada no bairro de pretos não aculturados, porém seus pais moravam em Chamacuto. Anos depois, frequentou o Curso de Linguística na Universidade de Eduardo Mondlane (FREITAS, 2012). Considerada como uma importante romancista, Chiziane não se vê assim:

A crítica literária a aponta como a primeira mulher moçambicana a escrever um romance, mas a autora se considera uma contadora de estórias e não uma romancista, pelo fato de se inspirar nos contos em volta da fogueira, o que a escritora considera como primeira escola de arte (FREITAS, 2012, p. 61).

Assim, ela se considera uma contadora de estórias que marcaram sua vida. Ao recusar o epíteto de romancista, Chiziane, talvez, esteja querendo dizer que sua obra não é fruto de pura imaginação, mas, sim, produto de suas experiências sociais e familiares e, portanto, o registro de sua cultura a partir de um modo de contar que se vale não mais da oralidade, mas, agora, da escrita para perpetuar tais experiências nas quais a figura feminina tem um papel de destaque. Afinal, as mulheres tiveram papel importante em Moçambique, pois, desde a migração para os grandes centros

urbanos, principalmente para a atual capital Maputo, sempre estiveram garantindo o sustenta da família e, mais atualmente, estão atuando em diferentes setores da cidade, sejam casadas, separadas ou viúvas, com novos sonhos e projetos de vida (RAMALHO, 2001).

A posição da mulher na sociedade deveria ser apenas de submissa e procriadora, sem expressar suas vontades, e perpetuou esta situação até anos depois da independência do país na década de 80, pois nesta época o casamento da filha era realizado por meio de uma negociação, em que o lobolo era a principal forma de negociação da ‘propriedade’ (a figura feminina) para ser entregue pelo pai ao novo marido. O lobolo consistia no pagamento pelo futuro marido a família da mulher com quem se casaria. Essa prática era bastante repudiada pelas mulheres, não lutando e criticando abertamente, mas estavam criando movimentos entre elas a partir da modernidade, ou seja, após o século XXI, já que sua liberdade de escolha do cônjuge era violada, e de acordo com a cultura do seu país, eram incumbidas de ser uma geradora de filhos, parindo um grande número de herdeiros, como sinônimo de comércio matrimonial bem sucedido (RAMALHO, 2001).

Muitos dos direitos delas eram violados, principalmente os relacionados à cidadania, como descreve Ramalho (2001, p. 12): —Responsáveis pela produção de alimento, transporte de água, educação, saúde e planejamento familiar, e trabalhando em circunstâncias extremas como situações de calamidade pública, doenças endêmicas e conflitos armados.

Paulina Chiziane apresenta sua visão sobre a condição da mulher em seu país e volta-se para pensar a forma como a sociedade tenta moldar suas atitudes de acordo com a cultura patriarcal, impondo a submissão da mulher. De acordo com Freitas (2012), o status de feminista empregado à obra de Chiziane é corroborado por alguns pesquisadores e a preferência da autora pelo tema da condição feminina em Moçambique é um aspecto que vem promovendo o debate sobre suas obras em congressos nacionais e internacionais.

. A obra que vamos analisar nesta seção é o conto Mutola que faz parte de *As Andorinhas* (2009). Neste livro, além do que conto a que já nos referimos, existem mais dois: *Quem manda aqui?* e *Maundlane, o Criador*. Escolhemos o conto Mutola porque ele trata da relação mulher e futebol, mais especificamente das dificuldades impostas a uma mulher que, mesmo tendo competência e habilidades para ser uma grande futebolista, não era reconhecida como atleta. A narrativa que aqui analisaremos baseia-se na vida de Maria de Lurdes Mutola, que, desde menina,

esteve ligada ao mundo dos esportes e, em virtude de preconceitos de gênero, foi impedida de participar do torneio de futebol masculino. Impossibilitada de jogar futebol, Maria de Lurdes Mutola passou a praticar atletismo. Ela foi vencedora dos jogos olímpicos de 2000 em Sydney e trouxe para Moçambique a primeira medalha de ouro.

No início do conto, Chiziane reporta-se a antiga história envolvendo águia e galinha. A referida estória era contada em diferentes espaços sociais de Moçambique, como em igrejas presbiterianas, no colégio da missão, na marcha da libertação da emancipação do país (CHIZIANE, 2009). Essa história que tem o cunho de uma parábola narrava que um homem apanhou uma águia, colocou-a no poleiro e passou a criá-la e educá-la como uma galinha. Com o passar do tempo, a águia cresceu e mantinha o comportamento semelhante ao das galinhas com as quais convivia. O dono da águia-galinha pensou que ela nunca mais voaria:

Um biólogo passou por ali e exclamou:

— Uma águia na capoeira de galinhas?

— Era uma águia, mas transformei-a em galinha apesar de todo o seu tamanho respondeu o dono da capoeira, muito vaidoso.

— Não, responde o biólogo. Uma águia é uma águia. Nasceu para governar o mais alto dos céus.

— Esta? Nunca mais voará! (CHIZIANE, 2009, p. 89).

Instaura-se um impasse entre o dono e o biólogo acerca da águia-galinha. Este, a partir de seus estudos, sabe que a águia deve ganhar os céus porque a é da natureza dela voar. Aquele afirma que ela se transformou em galinha, porque foi levada a agir como tal desde pequena:

Discutiram. O dono da capoeira teimava e, por isso, fizeram a aposta. O biólogo, erguendo a pesada ave, disse: — Águia, águia, abre as tuas asas e voa.

A ave olhou para todos os lados. Viu o farelo e as galinhas a debicar. Voltou para o chão e continuou a sua vida de galinha. O dono afirmou, contente:

— Viu? O biólogo teimou.

Fizeram a experiência mais três vezes e nada! A águia era mesmo galinha. Na quinta tentativa, o biólogo obrigou a ave a confrontar o sol enquanto implorava:

— Águia, águia, abre as tuas asas e voa!

A ave real abriu as asas e lançou-se no voo, subiu, subiu até desaparecer no horizonte.

As águias, como as andorinhas, são filhas da liberdade (CHIZIANE, 2009, p. 89).

Este conto introdutório do livro da autora faz alusão ao enredo da protagonista. Mutola era compara a águia, que ao ver suas semelhantes agindo de determinada maneira, esteve sempre seguindo-a, pois, a cultura que estava imersa deveria apenas bicar o milho para se alimentar, o mesmo ocorria em sua vida em Moçambique, deveria casar e ter filhos. Mas, após incentivo de outrem, no caso do conto de um biólogo, ela pode alçar voos e conquistar os céus, passando a viver livres como as andorinhas, e na vida real, Mutola pode ser feliz junto as colegas praticantes do futebol e de outros esportes.

A partir de então, inicia-se a narrativa central do conto Mutola e passamos a ter contato com a protagonista: Lourdes serve de chacota para suas amigas por compartilhar sonhos que não correspondem aos estereótipos femininos cristalizados na cultura moçambicana. As amigas sempre afirmavam que ela deveria se guardar para o marido, cuidar do corpo, frequentar curso de culinária e costura, praticar boas maneiras, preparar-se para casar, ter filhos e cuidar da casa.

Freitas (2012) afirma que Paulina Chiziane em suas obras sempre deu maior visibilidade ao universo feminino de Moçambique, divulgando costumes, as lendas e as perspectivas da comunidade de mulheres que foram e ainda são reprimidas nas sociedades tradicionais. E neste cenário que o casamento se apresenta, em que a sociedade deseja que a mulher tenha estereótipos culturalmente normativos, em que deveriam ser femininas, donas de casa, esposa dedicada a família e principalmente ao marido (até sendo submissa a ele) e tenham muitos filhos. Estas situações são sinônimas a um casamento bem sucedido.

Na atualidade muitas questões relacionadas ao casamento estão sendo repensadas, como a situação da mulher ser submissa aos maridos, pois existem pessoas que não favorecem, tampouco apoiam, tal situação, em que são divulgadas tal perplexidade sobre a condição feminina na sociedade e no ambiente familiar, como os autores literários.

No conto, a menina estava decidida, e o futebol seria seu refúgio, a —Libertação dos seus desejos: — As andorinhas, correndo às voltas no céu, me inspiram. Atrás de uma bola no relvado, sinto-me a voar na conquista do mundo. Vou inscrever-me num clube de futebol. Que mal há nisso? II (CHIZIANE, 2009, p. 91). Nesse sentido, percebemos que Lourdes faz a relação entre a liberdade do voo das andorinhas com as trajetórias do jogador de futebol atrás da bola no campo. As amigas se contrapõem a tal atitude, principalmente pela possibilidade de mudança do seu

corpo feminino, delicado e límpido, sendo algo indesejado: — Vais estragar o corpo, Lurdes! Vais ficar com os músculos rijos. Os homens gostam de mulheres de peles lisas como caju. Gostam de músculos suaves como carne de frango. Vais jogar futebol? Enlouqueceste de vez. II (CHIZIANE, p. 91).

De acordo com Knijnik (2006) quando falamos em cultura de determinados povos, deve-se ter consciência que em muitos deles existem a premissa que de os corpos mais fortes dos machos deveriam executar tarefas que requeressem brutalidade, e a fragilidade do corpo de fêmea deveria se resguardar para aquelas atividades que carecessem de delicadeza. Este fato também está relacionado ao futebol, esporte considerado bruto com diversos momentos de contato copo-a- corpo.

[...] a questão das relações entre os gêneros, dos significados de gênero parece continuar pautando o mundo do esporte, que é por excelência um mundo absolutamente corporal – e estes significados opostos persistem em criar ideologias de exclusão do feminino e das mulheres das arenas esportivas (KNIJNIK, 2006, p. 42).

Assim, muitos países consideram, e insistem, para que as mulheres tenham um corpo feminino, delicado e curvilíneo, de modo a atender as demandas sociais e culturais, e essa situação rejeita o corpo atlético mais musculoso nas mulheres, criando um sentimento que cristaliza o preconceito, sendo reproduzido até pelas próprias mulheres, que se sujeitam a uma cultura que impõe como elas devem ou não agir socialmente, e assim, devem se comportar e construir uma identidade de gênero adequada aos padrões sociais vigente no país.

Lurdes estava decidida e insistiu para as amigas: —deixem-me realizar os meus sonhos e seguir a minha estrada. II (CHIZIANE, 2009, p. 91). Na busca por seus sonhos, Lurdes se inscreveu no clube, foi aceita, não se sabe ao certo se por curiosidade ou experiência, pela falta de leis no futebol que declarasse o território como exclusivo dos homens. Porém, o mais espantoso, para quem duvidou da luta para iniciar a prática esportiva, Lourdes foi uma excelente jogadora, marcando os gols da partida em que estreava, jogando com elegância e maestria (CHIZIANE, 2009).

Ao invés da grande alegria pela conquista, os resultados da estreia resultaram em duas grandes situações embaraçosas para Lurdes. A primeira situação foi a tristeza e a rejeição dos homens por perderem destaque do time para uma figura feminina:

— Isto é nefasto para o estado psicológico da equipe, diziam os treinadores.

Esta mulher não pode continuar aqui.
 O treinador da equipe adversária grita, esbaforido, para os seus jogadores.
 — Gastei o meu melhor tempo, a minha melhor energia, a treinar uma equipe cacarejante. Se ao menos fossem galinhas poedeiras, poderiam, pelo menos, pôr um golo. Como homens, deviam ser superiores a ela. Ela sim, tem muito valor. E um águia numa capoeira de galinhas macho. Não posso suportar semelhante humilhação, demito-me! (CHIZIANE, 2009, p. 92-93).

Este fato foi considerado nefasto para o estado psicológico da equipe, pois em um mundo de dominação masculina e o repúdio da inserção da mulher no esporte, os treinadores viram que o futebol passou a ser o campo dominador de Lurdes, e na primeira partida que realizou a protagonista mostrou-se dominadora das habilidades técnicas, que, culturalmente em Moçambique, deveria ser exclusivo dos jogadores masculinos.

Sua presença foi tão marcante e produtiva nos resultados, que o treinador relaciona Lurdes a uma águia em meio as galinhas macho, em que ela é o destaque entre eles. Essa situação é tão surreal, em meio a cultura patriarcal moçambicana, principalmente no futebol, que fere os sentimentos do treinador.

Já a segunda situação, estava a alegria das mulheres ficaram informadas do afastamento de Lurdes dos campos. Este sentimento de alívio criado por elas veio da cultura vigente em Moçambique, que as mulheres eram exclusivamente destinadas a serem submissas ao casamento e a família, e não se impor ao sistema e se integrar aos esportes e outros setores proibidos por ações governamentais.

Pobre Lurdes. Sofreu a pressão das mulheres. Suportou com dureza a exclusão dos homens, que elegantemente a afastaram em nome da lei. Foi discutida em reuniões magnas, onde só entravam os homens de fato e gravata, discutida nos encontros dos bares, pelas mulheres dos mercados, por jornalistas, comentaristas, desportistas, que só falavam do seu caso. Mais difícil ainda deve ter sido ouvir o caso propalado aos quatro ventos, pelo jornal, rádio, televisão (CHIZIANE, 2009, p. 93).

Nesse momento, percebemos que Lurdes passou por repressão, opressão, machismo, preconceito, ridicularização, inferiorização, negligência e outros sentimentos negativos por parte da sociedade. O que mais impressiona que incluem-se as próprias figuras femininas, que se assemelham a ela pela condição de submissa, no contexto político-social de Moçambique.

Esta situação acontece porque as mulheres moçambicanas, assim como no conto descrito por Chiziane, vivem igual as galinhas na capoeira, vivendo da mesma forma das demais e instigadas pelo sistema. Elas não tinham pensamentos revolucionários de serem donas de si, de construir sua própria história e agir a favor

de seus próprios sonhos; se tinham algum não deveria demonstrar e até mesmo destruir tais pensamentos. Assim, elas deveriam seguir seus destinos, de acordo com a cultura e o contexto social de Moçambique: a mulher refém de uma estrutura machista e patriarcal.

Mas, após o desespero do menosprezo do talento de Lurdes, um homem viu naquela figura feminina o poder da águia, que deveria ser explorado e contemplado para alçar novos rumos.

— Menina tu és um monumento. O teu lugar é entre os deuses.
Na altura, ela não percebeu nada.
Então, o homem a levou para longe da equipe e disse:
— Menina, tu és uma águia! Tu pertences ao céu e não à terra. Abre as tuas asas e voa! (CHIZIANE, 2009, p. 93).

Assim como a águia na estória do conto inicial apresentado, Lurdes precisava ser admirada, contemplada como atleta promissor, a menina de ouro, e com isso foi comparada a Águia de Ouro e suas qualidades: voar além da tempestade, acima dela, assumindo seu papel de magnífica e soberana; Esta admiração surgiu porque Lourdes se destacou no time de futebol na partida de estreia, fazendo gols, se sobressaindo dentre as galinhas macho (os jogadores), e assim, como no conto, deveria ser instigada a ir além.

Águia d'Ouro era também o nome do clube de onde fói afastada por decreto. Os olhos cegos deste mundo não enxergaram a verdade. No clube, afastaram a águia e ficaram com as galinhas macho, por não perceber que a verdadeira águia de ouro era ela! (CHIZIANE, 2009, p. p. 04).

Depois da visibilidade dada a Lurdes, os colegas de escola passaram a chamá-la de Maria de Lourdes, ou simplesmente por Maria, com sobrenome Mutola, que representam os ungidos pelos deuses, que passavam em seu corpo um óleo sagrado chamado mafurra, e com isso eles tolam, untam-se, com este tipo de material (CHIZIANE, 2009).

Depois de abandonar o futebol e ingressar no atletismo, mais especificamente na corrida, passaram-lhe a chamar de Maria Mutola. Teve muitas conquistas durante os jogos olímpicos em Olímpia, na Grécia, representando uma conquista pessoal e também nacional para o povo de Moçambique.

Obrigado Mutola, que encarnaste o espírito do Mondlane², e te lançaste no voo da águia!
Que transformou o próprio corpo em Chivambo³.

[...] Das tuas asas de águia teceste o Chitlango³ que nos elevou ao mais alto do Zulwine⁵, onde a morte não existe.
Ungiste o corpo e a alma do nosso povo com o m'cona, óleo sagrado do Olimpo.
Obrigado, Mutola, águia dos deuses! (CHIZIANE, 2009, p. 95).

Da vida sem perspectiva das mulheres de Moçambique, igualmente da situação no poleiro, Mutola não via nenhum atrativo, tendo que buscar novos rumos na sociedade. Encontrou no futebol uma saída para sua realização pessoal, e, diferente da águia da parábola com que se abre a narrativa de Chiziane, teve que se transformar para alçar novos voos e se libertar da supremacia patriarcal e do sistema social de opressão feminino de Moçambique.

Ninguém via em Mutola seu potencial, igualmente a águia no poleiro, cabendo a um terceiro intervir e mostrar seu verdadeiro potencial, para que a águia ganhasse novos horizontes e mostrasse sua verdadeira identidade e potencialidade.

Este conto serviu para que pensássemos sobre o lugar da mulher na sociedade moçambicana, que nos últimos séculos, como na contemporaneidade, existiam países africanos que oprimiam a mulher, apenas incumbindo-a de ser mãe e dona de casa, submissa ao homem.

Chiziane descreve em seus contos que existiam regiões de Moçambique que viviam um sistema intenso patriarcal por excelência, ainda:

Uma mulher além de cozinhar e lavar, para servir uma refeição ao marido tem que fazê-lo de joelhos. Quando o marido a chama, ela não pode responder de pé. Tem que largar tudo que está a fazer, chegar diante do marido e dizer —estou aqui. Há pouco tempo um jornalista denunciou um professor de Gaza. Nas aulas, quando fazia perguntas, os rapazes respondiam de pé, mas obrigava as meninas a responderem de joelhos. Quando as alunas iam ao quadro, tinham que caminhar de joelhos e só quando lá chegavam é que se punham de pé. O professor foi criticado e prometeu mudar, mas para a comunidade, ele estava a agir corretamente (FREITAS, 2012, p. 78)

² Eduardo Chivambo Mondlane foi um dos fundadores e primeiro presidente da organização Frente de Libertação de Moçambique para se ter a independência de Moçambique do domínio colonial português. No dia de seu falecimento é comemorado o Dia dos Heróis Moçambicanos. ³ Objeto ou lugar de tortura.

³ Escudo de defesa.

⁵ Céu, paraíso.

Percebemos que o tratamento dado a mulher é humilhante, menosprezador, desumano, em que deveria ser submissa ao extremo, que para expressar ou atender a seu marido, deveria ficar de joelhos, em posição revoltante, e o que mais surpreende aos cidadãos de países com liberdade plena, é que a comunidade moçambicana acha tais relações corretas, normas e essenciais para se manter a cultura e tradição daquele país africano.

Igualmente a Paulina e a sua personagem Mutola, as mulheres deveriam reinventar-se em água e alçar novos horizontes, acabando com uma cultura interior de submissão ao sistema.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo apresentou uma situação delicada sobre a questão da mulher na sociedade em Moçambique. Elas passam por situações de submissão a figura masculina em diferentes momentos, como na escolha do marido pelo pai sem o consentimento da filha sobre desejos e vontades, e ainda o casamento é tratado como uma comercialização financeira; quando a mulher tem que falar com seu marido deve se ajoelhar e ficar de cabeça baixa; na escola deve permanecer e andar de joelhos para se retratar aos colegas e aos professores; dedicar-se ao extremo ao lar, ao marido e aos filhos; não é permitido pratica de esportes para não mudar o corpo feminino, delicado, e sua pele deve ser macia e lisa; e outras situações que fazem da figura feminina um objeto moldado pela sociedade patriarcal de Moçambique.

Estas situações são vistas por boa parte da população como normais, culturalmente aceitável, até mesmo pelas mulheres, que se sentem aparentemente bem por estarem nesta conjuntura. Não podemos julgar cada uma por estarem imersas neste sistema de menosprezo, mas é necessário refletirmos sobre como elas são exploradas, visibilizadas social e familiarmente, e como os homens se impõem livremente sobre elas, tendo apoio em massa dos seus iguais.

Mas, existem mulheres que não aceitam tal realidade, como é o caso de Paulina Chiziane e sua personagem do conto Mutola, o que cria um sentimento de que estão passando por um processo de libertação, empoderamento, da construção da própria história a partir de seus desejos e sonhos, adentrando, até mesmo, em espaços culturalmente exclusivos para os homens, como é o futebol.

Este afronte ao sistema vigente em Moçambique mostra que as mulheres estão cada vez mais destacáveis e libertas, e quando lutam pelo acesso e permanência no futebol estão ampliando espaço para que outras mulheres percebam que podem ser felizes em agir da maneira que quiserem.

O silenciamento foi imposto por muitos anos, o que resultou no enfraquecimento, até mesmo quase extinção, da participação da mulher no esporte, mas que podemos perceber nas últimas décadas nomes de mulheres que conseguiram vencer esse preconceito no futebol, como Ada Hegerberg da seleção da Noruega, Pernille Harder da seleção da Dinamarca, Marta e Formiga da seleção brasileira de futebol feminino, e tantas outras que fizeram e ainda fazem história no cenário mundial.

REFERÊNCIAS

ALABARCES, P.. **Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2003.

SCHMIDT, R. T.. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, M. H. (Org.). **Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995. p. 182-189.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto-lei nº 3.199**, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. 1941. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm>. Acesso em: 07 mai. 2019.

__. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 9.615**, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre esporte e dá outras providências. 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9615consol.htm>. Acesso em: 07 mai. 2019.

ENTERTAINMENT AND SPORTS PROGRAMMING NETWORK – ESPN. **FIFA lança pela primeira vez estratégia global voltada ao desenvolvimento do futebol feminino**. 2018. Disponível em: <http://www.espn.com.br/espnw/artigo/_/id/4855256/fifa-lanca-pela-primeira-vez-estrategia-global-voltada-ao-desenvolvimento-do-futebol-feminino>. Acesso em: 10 mai. 2019.

FREITAS, S. R. F. de. **A condição feminina em Balada de amor ao vento de Paulina Chiziane**. Tese (Doutora em Letras) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2012. 170 f.

GOELLNER, S. V.. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

KNIJNIK, J. D.. **Femininos e masculinos no futebol brasileiro**. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo. São Paulo. 2006. 486 f.

LOURO, G. L.. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997, p. 179.

RAMALHO, C. Balada de amor ao vento – representações do universo familiar moçambicano. In: **Anais do X Congresso Internacional da ALADAA**. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-asiáticos, v. 1, 2001.

XAVIER, E. Para além do cânone. In: RAMALHO, C. **Literatura e feminismo**: propostas teóricas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

ANEXOS

ANEXO A – CONTO: MUTOLA

O Chivambo gostava de contar histórias, mas esta era a sua preferida. Contava-a tantas vezes quantas podia. Uns ouviram-no quando pregava na Igreja Presbiteriana de Chamancwlo, lá para os anos 1960. Os colegas ouviram-no no quarto do colégio da missão. Outros ainda ouviram-no de armas nos ombros, na marcha de libertação. Era uma vez...

Um homem que apanhou uma águia pequenina. Levou-a para casa e pô-la na capoeira. Educada como uma galinha, a águia até comia a comida dos patos. Comportava-se como uma verdadeira galinha.

Um biólogo passou por ali e exclamou:

— Uma águia na capoeira de galinhas?

— Era uma águia, mas transformei-a em galinha apesar de todo o seu tamanho respondeu o dono da capoeira, muito vaidoso.

— Não, responde o biólogo. Uma águia é uma águia. Nasceu para governar o mais alto dos céus.

— Esta? Nunca mais voará!

Discutiram. O dono da capoeira teimava e, por isso, fizeram a aposta. O biólogo, erguendo a pesada ave, disse: — Águia, águia, abre as tuas asas e voa.

A ave olhou para todos os lados. Viu o Eirelo e as Malinhas a debicar. Voltou para o chão e continuou a sua vida de galinha. O dono afirmou, contente:

— Viu? O biólogo teimou.

Fizeram a experiência mais três vezes e nada! A águia era mesmo galinha. Na quinta tentativa, o biólogo obrigou a ave a confrontar o sol enquanto implorava: — Águia, águia, abre as tuas asas e voa!

A ave real abriu as asas e lançou-se no voo, subiu, subiu até desaparecer no horizonte.

As como as andorinhas, são filhas da liberdade.

— Es completamente maluca, Lurdes diziam as amigas lá do bairro — tu não és mulher!

Por quê? O que significa ser mulher? — questionava incrédula.

Ah! Mas que pergunta! — diziam com ar de gozo. — Será que nunca viste nas revistas, nas novelas?

— Não tenho vontade nenhuma de perder o meu tempo a entrançar cabelos de boneca respondia zangada.

Devias sim, preocupar-te com coisas de mulher. Por exemplo: ser mais sensual. Fazer sexo. Concluir um curso de cozinha e outro de boas maneiras enquanto esperas um noivo, para casar e fazer filhos. Não é para isso que as mulheres servem?

— Farei tudo isso um dia...

— Um dia? Vais perder essa juventude toda à espera do tal dia?

Manifesta-se a cegueira humana diante dos seres eleitos. Contemplando os gênios, nós, os vulgares, achamo-los diferentes, estranhos, curiosos e dignos das mais severas críticas. Diante deles, nos sentimos perfeitos e, vezes sem conta, ferimo-los com os sabres venenosos que residem nas nossas línguas...

— Conheço uma boa estilista. Queres vir?

— Não tenho tempo, vou treinar.

Ah, só faltava essa. Não nos venha dizer, amanhã, que não tens namorado!

— As andorinhas, correndo às voltas no céu, me inspiram. Atrás de uma bola no relvado, sinto-me a voar na conquista do mundo. Vou inscrever-me num clube de futebol. Que mal há nisso?

— Vais estragar o corpo, Lurdes! Vais ficar com os músculos rijos. Os homens gostam de mulheres de peles lisas como caju. Gostam de músculos suaves como carne de frango. Vais jogar futebol? Enlouqueceste de vez.

— Pode ser que esteja louca, sim. Mas a bola me atrai. Depois dos treinos e da competição, poderemos ir?

_ Essa é boa! As duas coisas não casam. Ou escolhes uma, ou escolhes outra.

— Tudo bem. Vou pensar, mas, por favor, deixem-me realizar os meus sonhos e seguir a minha estrada.

Ninguém conseguia entender muito bem como é que ela conseguiu entrar num clube de futebol masculino. Devem tê-la aceite por curiosidade ou para experimentar. Ou para perseguir com fidelidade o postulado constitucional, no que toca à igualdade entre homens e mulheres. Talvez porque, nas leis do futebol, se esqueceram de escrever que este desporto era o santuário exclusivo dos homens.

Ou simplesmente por lapso, nunca ninguém imaginara tal embaraço!...

No dia da partida, ela jogou futebol mestria e marcou golos na equipa de homens. E ela jogou com elegância e sem a menor inquietação, para o assombro do mundo.

_Golôôôô!

Mas quem marcou o golo?

Depois do golo tão desejado, o embaraço da equipa. Como podiam eles celebrar a golada com abraços efusivos, abraços, saltos mortais, carregadas nas costas, tal como cabritos felizes rebolando nos prados, se ela era uma mulher? Como podiam abraçá-la, amassá-la, carregá-la, com toda aquela loucura e liberdade, se o corpo de mulher só pode ser tocado apenas pelo seu homem?

Os comentaristas da rádio relatam o fato com vozes sincopadas. Não sabem o que dizer ao certo, não foi ainda desenvolvido o vocabulário jornalístico para golos de mulher. Para remediar a situação, o locutor da rádio diz muitas asneiras.

- Ah, que estranho. Nesta vitória, os golos foram de mulher, de homem não — gritava o locutor da rádio — as mulheres normalmente não jogam futebol.

O desconforto não tardou a vir dentro da equipa. Porque os homens começavam já a sentir-se menos homens e ela, uma mulher acima dos homens.

_ Isto é nefasto para o estado psicológico da equipe diziam os treinadores. Esta mulher não pode continuar aqui.

O treinador da equipa adversária grita, esbaforido, para os seus jogadores.

_Gastei o meu melhor tempo, a minha melhor energia, a treinar uma equipa cacarejante. Se ao menos fossem galinhas poedeiras, poderiam, pelo menos, pôr um golo. Como homens, deviam ser superiores a ela. Ela sim, tem muito valor. E uma águia numa capoeira de galinhas macho. Não posso suportar semelhante humilhação, demito-me!

O caso desta menina abalou o país inteiro. Os homens defenderam o seu espaço por decreto. Já não pode jogar — disseram. Era o regulamento. Cumprase. E assim a Lurdes foi legalmente afastada do santuário dos homens.

As mulheres celebraram o afastamento. Porque ser mulher de verdade é ser a beldade. Maquilhada. Uma miss escovada e lisa como uma boa montada. Os homens

celebraram. Porque é mesmo incômodo ter um rival no feminino. Na vitória das mulheres, reside a desonra dos homens.

Pobre Lurdes. Sofreu a pressão das mulheres. Suportou com dureza a exclusão dos homens, que elegantemente a afastaram em nome da lei. Foi discutida em reuniões magnas, onde só entravam os homens de fato e gravata, discutida nos encontros dos bares, pelas mulheres dos mercados, por jornalistas, comentaristas, desportistas, que só falavam do seu caso. Mais difícil ainda deve ter sido ouvir o caso propalado aos quatro ventos, pelo jornal, rádio, televisão.

Um dia, passou um homem que viu, no meio da equipa, uma jogadora de estatura fenomenal. Aproximou-se dela e disse:

— Menina tu és um monumento. O teu lugar é entre os deuses.

Na altura, ela não percebeu nada.

Então, o homem a levou para longe da equipe e disse:

— Menina, tu és uma águia! Tu pertences ao céu e não à terra. Abre as tuas asas e voa!

Ela olhou para todos os lados e estremeceu, invadida pelo medo das alturas.

E não voou.

Voltou a experimentar, com o olhar fixo no dourado solar. Concentrou-se e lançou-se no voo. Subiu, subiu e se colocou um ponto invisível além do horizonte.

Ela era, afinal, uma águia de ouro.

Águia d'Ouro era também o nome do clube de onde foi afastada por decreto. Os olhos cegos deste mundo não enxergaram a verdade. No clube, afastaram a águia e ficaram com as galinhas macho, por não perceber que a verdadeira águia de ouro estava lá!

Na escola, lhe chamam Maria de Lurdes. Outros a tratam simplesmente por Maria. De sobrenome, Mutola, porque os antepassados untavam o corpo com óleo sagrado da mafurra. Eles tolam — untam-se — por isso lhes chamaram Mutola, os ungidos pelos deuses!

Depois de deixar o futebol, ela abraçou outra arte. Tornou-se atleta. No mundo das corridas, chamaram-lhe apenas Maria Mutola.

Mutola coloca os olhos no céu em cada passo e corre, de alma leve e limpa, lubrificada pelo m'tona, o mágico óleo de mafurra. Em cada gesto, elevando a bandeira da nação, na síntese de todos os sonhos de todas as gerações de toda a gente da nossa terra.

Águia real, ela vai ao encontro dos deuses. De lá, nos traz os cálidos raios de sol que confortam as nossas almas e iluminam as noites das nossas vidas. Vitória aqui, medalha acolá, a nossa bandeira flutuou vitoriosa, até alcançar o trono dourado do Zulwine, o Olimpo!

Por isso, cada vez que passa uma águia, as andorinhas bailam no céu e a terra inteira levanta os olhos para o alto em êxtase e delírio:

"Obrigado Mutola, que encarnaste o espírito de Mondlanc, e te lançaste no voo da águia!

Que transformou o próprio corpo em Chivambo.

Filha dos espíritos dos N'wanati, de Kambana, de Dzovo, de Maundlana, de Maxele, de Ngomati, de Nyathe o grande Zambeze!

Das tuas asas de águia teceste o Chitlango que nos elevou ao mais alto do Zulwine, onde a morte não existe.

Ungiste o corpo e a alma do nosso povo com o m'cona, óleo sagrado do Olimpo.
Obrigado, Mutola, águia dos deuses!"

GLOSSÁRIO

Chitlango — escudo dc d&sa
Chivambo — objeto ou lugar de tortura.
Dzovo — pelc m'tona óleo de maFurra Silada moída cm alguidar
Nhewc - espargos
Pluuna — árvore da borracha
Vavar — dilacerar
Ngungunhar ear
Maundlane — Cri r
Mukhuro — prece aos antepasados (Chuabo)
Mafurteira — árvore dc grande porte (oleaginosa)
Xima — papas de milho (serra) Zulwine — céu, para•so